

HIPOTAXE ADVERBIAL CONCLUSIVA NA LIBRAS

Carlos Roberto Ludwig (UFT)
carlosletras@mail.uft.edu.br

RESUMO

Este artigo analisa os mecanismos de articulação da hipotaxe adverbial conclusiva na Libras. Descreve-se como sentenças complexas são estruturadas para expressar relações de conclusão por meio da hipotaxe adverbial. A presente pesquisa questiona a dicotomia tradicional entre coordenação e subordinação, propondo que as orações conclusivas se situam no *continuum* gradiente da hipotaxe devido à sua dependência sintática e semântica. A metodologia baseia-se no Inventário Nacional de Libras, utilizando um *corpus* de entrevistas com quatro Surdos de Referência, analisado por meio do *software* ELAN. Os resultados demonstram que a Libras utiliza a articulação de orações sindéticas, marcadas por um conectivo, como o sinal prototípico ENTÃO. Da mesma forma, apresenta também o mecanismo linguístico da justaposição, no caso das orações assindéticas. Em ambos os casos, as marcações não manuais, especialmente o piscar de olhos, desempenham um papel gramatical importante na delimitação das sentenças. A pesquisa observou também que a articulação da hipotaxe adverbial conclusiva na Libras segue uma ordem icônica de eventos, assim como já observado nas línguas orais.

Palavras-chave

Libras. Marcações não manuais. Hipotaxe Adverbial Conclusiva

ABSTRACT

This article analyzes mechanisms of combining conclusive adverbial hypotaxis in Libras (Brazilian Sign Language). It describes how complex sentences are structured to express conclusion relationships through adverbial hypotaxis. This research questions the traditional dichotomy between coordination and subordination, proposing that conclusive clauses are situated on the gradient continuum of hypotaxis due to their syntactic and semantic dependence. The methodology is based on the National Inventory of Libras, using a corpus of interviews with four Deaf Reference Individuals, analyzed using the ELAN software. The results demonstrate that Libras uses the articulation of syndetic clauses, marked by a connective, such as the prototypical sign THEN. Similarly, it also presents the linguistic mechanism of juxtaposition in the case of asyndetic clauses. In both cases, non-manual markers, especially blinking at the boundary of clauses, play an important grammatical role in delimiting sentences. The research also observed that the articulation of conclusive adverbial hypotaxis in Libras follows an iconic order of events, as has already been observed in spoken languages.

Keywords

Libras. Non-Manual Markers. Conclusive Adverbial Hypotaxis.

1. Introdução

A articulação de sentenças é um recurso sintático universal, presente em todas as línguas naturais. Esse mecanismo permite criar estruturas complexas que variam em um espectro que vai da parataxe, passando pela hipotaxe, até o encaixamento. Mais do que uma simples estratégia gramatical, a articulação de orações integra sintaxe, semântica e pragmática da língua em uso.

O presente estudo foca na descrição desse processo dentro da Libras, com ênfase nas orações hipotáticas conclusivas. A análise dos dados revela que a justaposição é uma estratégia central de articulação nesta língua. Além disso, destaca-se o papel fundamental dos marcadores não manuais, como o piscar de olhos, que atuam diretamente como elementos conectivos na formação de sentenças complexas.

Este artigo dedica-se a discutir como se estruturam as relações de hipotaxe conclusiva na Libras. A investigação foca na justaposição e nos marcadores não manuais como as principais estratégias para conectar orações. Alinhando-se a estudos internacionais sobre diversas línguas de sinais (Cecchetto *et al.*, 2017), observa-se que essas línguas de sinais priorizam recursos visuais e espaciais para formar sentenças complexas. Complementarmente, a pesquisa identifica que o sinal ENTÃO também atua como um articulador específico em determinados contextos conclusivos.

O *corpus* desta pesquisa sobre hipotaxe conclusiva provém de registros de quatro Surdos de Referência, sendo dois homens e duas mulheres. A escolha por entrevistas se fundamenta na importância de analisar a articulação de sentenças complexas em seu uso real e espontâneo. O foco da análise reside na identificação e descrição dos mecanismos de hipotaxe adverbial conclusiva presentes na sinalização desses informativos.

2. Parataxe, Hipotaxe e Encaixamento

De acordo com Cecchetto *et al.* (2017), a articulação de orações é compreendida como um mecanismo sintático que possibilita a combinação de orações em construções complexas. Diferente da parataxe, na qual as sentenças mantêm uma relação de equidade e independência, a hipotaxe e o encaixamento são marcados por uma assimetria sintática entre as orações articuladas. Nesta perspectiva, estabelece-se uma hierarquia em

que as sentenças ocupam posições assimétricas, caracterizando o que os autores definem como um *status* de dependência mútua.

Nesse cenário hierárquico, a oração principal, frequentemente denominada sentença matriz ou “independente”, possui autonomia sintática e semântica. Em contrapartida, as sentenças hipotáticas ou encaixadas, são consideradas dependentes. Isso significa que sua existência e sentido estão vinculados à relação que estabelecem com a oração nuclear, não apresentando autonomia quando isoladas do contexto da sentença matriz (Hopper; Traugott, 1993).

A presente pesquisa fundamenta-se nas terminologias de Lehman (1988) e Hopper e Traugott (1993) para descrever tais articulações. Para esses autores, a parataxe refere-se ao processo de coordenação, onde prevalece a simetria entre os elementos combinados. Nesta perspectiva teórica, a subordinação é tratada em seu sentido mais amplo, como um conceito prototípico que engloba tanto a hipotaxe quanto o encaixamento (Lehman, 1988).

A hipotaxe, especificamente, é definida como a subordinação em sentido restrito, onde orações “satélites” orbitam a sentença matriz. Desta forma, as orações hipotáticas funcionam como expansões de sentido; embora complementem a informação da oração principal, elas podem ser dispensadas sem que o sentido da oração matriz seja comprometido.

Por fim, o encaixamento distingue-se da hipotaxe por ser uma dependência interna a um sintagma. A oração encaixada não se relaciona diretamente com a sentença externa, mas sim como um constituinte de um grupo nominal ou verbal. Segundo Lehman (1988), esse mecanismo é indispensável, pois a oração encaixada é responsável por especificar, definir ou completar o significado de um termo essencial da sentença matriz.

Ainda que o estudo sobre a articulação de sentenças complexas em Libras esteja em sua fase inicial, pesquisas contemporâneas têm revelado mecanismos específicos dessas cláusulas na língua. No âmbito da parataxe, investigações como as de Aleixo *et al.* (2023) e Barbosa *et al.* (2021) evidenciam que a coordenação de orações mobiliza tanto recursos manuais quanto estratégias não manuais, demonstrando a natureza multifacetada da gramática visual-espacial.

No que se refere à hipotaxe adverbial, as pesquisas apontam para a coexistência de diferentes mecanismos de articulação. Além da presen-

ça de conectivos, estudos realizados por diversos autores ressaltam a relevância da justaposição e das marcações não manuais.¹⁰ Esses elementos atuam de forma coordenada para estabelecer as relações de dependência entre as orações subordinadas e suas respectivas matrizes.

Quanto às orações encaixadas, pesquisas recentes indicam que o uso de marcadores manuais é menos recorrente nesse tipo de oração (Aleixo *et al.*, 2023; Ludwig, 2021; Ludwig, Quadros; Rocha, 2024). Em contrapartida, as marcações não manuais, a recursividade e o recurso de *role shift* (mudança de papéis) surgem como as estratégias predominantes e mais frequentes para a constituição do encaixamento na Libras, consolidando a importância dos traços não manuais na sintaxe complexa da língua.

3. Orações Conclusivas

As definições dadas pelos autores sobre as orações conclusivas e seus conectivos é bastante variada e, por vezes, divergente. Marques e Pezatti (2015), argumentam que as relações conclusivas podem desempenhar funções de consequência, conclusão e resumo. Já Mira Mateus *et al.* (1986) interpreta que, numa oração complexa, a segunda proposição é considerada uma consequência direta do que foi afirmado inicialmente.

Em contrapartida, abordagens mais recentes, como as de Pezatti (2001), deslocam o foco da lógica pura para a subjetividade e a inferência, sugerindo que a conclusão depende das crenças, expectativas e do universo cognitivo do falante.

Já autores como Kury (1993), Azeredo *et al.* (2009) e Figueiredo e Figueiredo (2009) convergem na ideia de que as orações conclusivas estabelecem um nexo de causalidade lógica ou dedução necessária.

Pesquisas recentes sobre as orações conclusivas em língua portuguesa têm apresentado posições divergentes no tocante à definição e estatuto dessas sentenças. Segundo Marques e Pezatti (2015), há uma divergência no tratamento das sentenças conclusivas, as quais são definidas ora como coordenadas, ora como subordinadas. De um lado, a gramática tradicional geralmente classifica as orações conclusivas como coordena-

¹⁰ Sobre a hipotaxe adverbial, veja as pesquisas de Aleixo *et al.*, 2023; Barbosa *et al.*, 2021; Carneiro *et al.*, 2023; Carneiro e Ludwig, 2020a; 2020b; Ludwig *et al.*, 2023; Ludwig, Carneiro e Khouri, 2020, Ludwig, Quadros e Santos, 2022; Ludwig, Quadros e Silva, 2022.

das, como defendem Cunha e Cintra (1985) e Cunha (2008). Por outro lado, outros autores classificam essas orações como subordinadas, tais como Borba (1984) e Garcia (1982).

Nesse sentido, as classificações das sentenças complexas em coordenadas e subordinadas têm sido questionadas pela perspectiva funcionalista, como é discutido por Lehmann (1988), Hopper e Traugott (1993), Decat (1999). De acordo com Decat (1999),

A trajetória dos estudos gramaticais tradicionais (linguísticos) costuma ser marcada pela utilização da dicotomia coordenação/subordinação na tarefa de descrever e definir os processos de articulação (ou combinação) de cláusulas. Entretanto, é por demais conhecida a insuficiência dos tratamentos tradicionais para dar conta de casos considerados limítrofes, ou mesmo daqueles que aparentemente não oferecem qualquer problema para a análise (Decat, 1999, p. 300)

A categorização dicotômica coordenação e subordinação é bastante restrita, não sendo possível abranger nuances que integram os níveis sintático, semântico e pragmático nessas definições. Marques e Pezatti (2015) apontam que “para os estudos sobre a relação conclusiva, apenas essas duas possibilidades de articulação foram encontradas, sem qualquer trabalho que discutisse casos de parataxe ou hipotaxe, por exemplo.” (Marques; Pezatti, 2015, p. 25). Assim, as gramáticas tradicionais, classificam as sentenças conclusivas no âmbito das orações coordenadas. Para Marques e Pezatti (2015),

A relação de dependência/independência de que falam os autores não é tratada com muita clareza no caso das orações coordenadas. No nível estrutural, as orações realmente se apresentam como independentes; porém, se cada oração for tomada isoladamente, o período perde o sentido do conjunto. Pode-se então afirmar que, semanticamente, as orações apresentam dependência. (Marque; Pezatti, 2015, p. 25)

Desta forma, deve-se considerar que as relações sintáticas e semânticas que estão imbricadas nas relações conclusivas. Por exemplo, Mira Mateus *et al.* (1986) propõem uma visão híbrida sobre a relação conclusiva. Segundo as autoras, esse tipo de junção configura uma subordinação semântica, dada a dependência hierárquica de sentido entre as sentenças. Contudo, no plano sintático, a estrutura é classificada como coordenação, uma vez que a ordem das orações é fixa e impede a inversão lógica (A, portanto B). Neste caso, as orações conclusivas ainda são classificadas como coordenadas, embora a dimensão semântica seja levada em conta do ponto de vista da dependência de sentido entre as cláusulas articuladas.

Por outro lado, Borba (1984) considera que as orações conclusivas são construções subordinadas, haja vista a existência de interdependência semântica entre as sentenças conclusivas. O autor observa que há uma decorrência lógica entre a oração principal e a conclusiva. Por isso, a relação conclusiva requer que esta oração seja compreendida como efeito ou dedução da primeira sentença.

Assim também, Bechara (2009) argumenta que, na língua portuguesa, conectores como *logo*, *portanto* e *por isso* possuem natureza adverbial e desempenham função anafórica, retomando o que foi dito na sentença anterior. Para o autor, a distinção rígida que separa conclusivas como coordenadas é imprecisa. Ele sustenta que tais orações apresentam, na verdade, uma relação de dependência interna muito próxima à que ocorre no processo de subordinação.

Nesse sentido também, Castilho (2010) argumenta que as orações conclusivas são classificadas como orações subordinadas adverbiais. Segundo o autor,

Nossa tradição gramatical pós-Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959 (NGB), identificou cinco estruturas coordenadas: as aditivas, as adversativas, as alternativas, as explicativas e as conclusivas.

As duas primeiras exibem propriedades comuns, que justificam sua inclusão entre as coordenadas. Já as alternativas, as explicativas e as conclusivas não passam pelos mesmos testes, enquadrando-se as alternativas entre as correlatas, e as explicativas e conclusivas entre as subordinadas. (Castilho, 2010, p. 348)

Desta forma, são consideradas as dependências sintática e semântica como um critério importante para a classificação das orações conclusivas como subordinadas. Por isso, as visões mais contemporâneas tendem a classificar estas orações como subordinadas ou hipotáticas.

Da mesma forma, Garcia (1982) considera que, do ponto de vista sintático, as orações conclusivas são subordinadas, haja vista que há uma mútua dependência semântica e sintática entre as orações. Segundo o autor, as orações “conclusivas, mais até do que as adversativas, estabelecem tão estreitas relações de mútua dependência entre as orações por elas interligadas, que a estrutura sintática do período assume características de verdadeira subordinação” (Garcia, 1982, p. 41). Neste caso, nota-se que as dependências sintática e semântica são critérios importantes para que as orações conclusivas sejam classificadas como subordinadas.

Nesta pesquisa, no entanto, utiliza-se a terminologia hipotaxe adverbial conclusiva. É importante ressaltar que Garcia (1982) menciona brevemente a classificação das orações subordinadas no âmbito da hipotaxe como uma alternativa para categorizar estas sentenças, o que não é verificado em outros autores. Segundo este autor,

Na *subordinação* (também chamada *hipotaxe*), não há paralelismo, mas desigualdade de funções e de valores sintáticos. É um *processo de hierarquização*, em que o enlace entre as orações é muito mais estreito do que na coordenação. Nesta, as orações se dizem sintática mas nem sempre semanticamente *independentes*; naquela, as orações são sempre *dependentes* de outra, quer quanto ao sentido quer quanto ao travamento sintático. Nenhuma oração subordinada subsiste por si mesma, *i.e.*, sem o apoio da sua principal (que também pode ser outra subordinada) ou da principal do período, da qual, por sua vez, todas as demais dependem. Portanto, se não podem subsistir por si mesmas, se não são independentes, é porque fazem parte de outra, exercem função nessa outra. Isto quer dizer que qualquer oração subordinada é, na realidade, um *fragmento de frase*, mas fragmento diverso daquele que estudamos nas frases de situação ou de contexto. (Garcia, 1982, p. 41-2)

Como se nota, a dependência sintática e semântica são importantes para se estabelecer que as orações conclusivas sejam consideradas no espectro da hipotaxe, levando em conta o *continuum* gradiente parataxe, hipotaxe e subordinação (encaixamento). Nelas, observa-se que há uma hierarquização sintática e uma dependência semântica evidentes entre as orações. Portanto, esta pesquisa argumenta que as orações conclusivas sejam categorizadas como hipotaxe adverbial.

4. Metodologia

Este estudo está inserido no escopo do Inventário Nacional de Libras, utilizando os dados de Surdos de Referência. Em função disso, a pesquisa adota a metodologia padronizada pelo referido Inventário, que compreende protocolos específicos para a coleta, armazenamento, transcrição, tradução e validação das informações. Conforme detalhado por Ludwig, Quadros, Silva e Nogueira (2020) e Ludwig et al. (2020), essa padronização é seguida em todos os estados brasileiros que implementaram o projeto, garantindo a consistência e a comparabilidade dos dados analisados.

A investigação considera, adicionalmente, o perfil bilíngue dos sujeitos surdos, que possuem a Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2). Sob essa ótica, a análise leva em conta

as possíveis influências entre as línguas, evidenciando como os processos de interlíngua podem interferir na articulação de sentenças complexas. Somado a isso, destaca-se a relevância da idade de aquisição da Libras, fator que, de acordo com Ludwig e Oliveira (2024), pode influenciar na aquisição da linguagem.

Os procedimentos de coleta de dados ocorrem em um estúdio de filmagem equipado com quatro câmeras, estrategicamente posicionadas para captar a sinalização sob múltiplas perspectivas e ângulos. A coleta é estruturada em cinco etapas principais: i) entrevista (30 minutos); ii) atividade para eliciação de narrativas (20 a 30 minutos); iii) intervalo para repouso (20 minutos); iv) eliciação de dados gramaticais e lexicais (30 minutos); v) interação espontânea via conversação (20 a 30 minutos).

Concluída a etapa de coleta, as informações são armazenadas juntamente com registros de metadados, garantindo a organização e a rápida recuperação do material. O processo de transcrição é realizado no ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), um *software* multimodal amplamente utilizado em investigações linguísticas de línguas orais e de sinais. Para essa finalidade, foram estruturadas trilhas específicas para o registro das glosas de cada sinalizante nos dois contextos discursivos analisados. Seguindo os protocolos estabelecidos pelo Inventário Nacional da Libras, as glosas são redigidas em letras maiúsculas, respeitando as convenções de notação vigentes em línguas de sinais.

Foram criadas trilhas específicas para as unidades oracionais complexas (UOC), vinculadas com trilhas de vocabulário controlado: uma trilha com Parataxe, com os tipos conjuntiva, disjuntiva e adversativa; uma trilha para Hipotaxe, com os tipos Hipotaxe adverbial condicional, causal, comparativa, temporal e adjetiva explicativa; e uma trilha para as encaixadas, com os tipos substantiva subjetiva, substantiva objetiva e relativa restritiva. Em todos os tipos de sentenças, foram criadas trilhas com subtipos manual e não manual. As sentenças manuais apresentam algum item lexical que pode funcionar como um conectivo na oração, ao passo que as sentenças não manuais indiciam que não há um conectivo na sentença, mas é utilizada a estratégia da justaposição de sentenças.

No desenvolvimento deste estudo sobre a hipotaxe adverbial conclusiva em Libras, o corpus é constituído por produções de quatro Surdos de Referência (composto por dois homens e duas mulheres). A seleção dessas entrevistas visa investigar os mecanismos da articulação de sentenças complexas em diferentes contextos discursivos. Para a análise es-

pecífica das relações conclusivas, priorizou-se o gênero entrevista, de modo a observar como essas estruturas se manifestam na sinalização espontânea dos colaboradores.

Ademais, a transcrição dos dados nesta pesquisa preocupa-se em situar o leitor no entorno discursivo da sentença. O objetivo é fornecer elementos contextuais que permitam uma compreensão ampla do diálogo, transcendendo a análise isolada da estrutura hipotática adverbial conclusiva para considerar a interação como um todo.

Quanto à apresentação dos dados, os exemplos citados são acompanhados por links de acesso direto aos vídeos que compõe as Unidades Oracionais Complexas. As glosas são inseridas, seguidas de uma tradução em língua portuguesa. Adicionalmente, caso ocorra a omissão de algum sinal que possa ser recuperado pelo contexto, este será indicado entre parênteses para facilitar a compreensão da estrutura pretendida. Além disso, os colchetes demarcam os limites da hipotaxe adverbial conclusiva na oração complexa.

Em relação às questões éticas da pesquisa, esta pesquisa é aprovada pelo comitê de ética (CAAE Nº 17028413.0.3002.5519) e, portanto, possui autorização para publicizar o nome e a imagem dos informantes. Além disso, as pesquisas em línguas de sinais no Brasil vem adotando uma postura de referenciação dos autores, cujos dados são utilizados na pesquisa, conforme preconizado por Quadros, Rathmann e Silva (2025). Nesse sentido, os informantes são referenciados como autores cuja sinalização em vídeo-registro é de domínio público. Portanto, estes informantes-autores contribuem significativamente para as pesquisas em línguas de sinais, haja vista que permitem a publicização de sua sinalização para pesquisas em línguas de sinais.

5. Análise dos dados

Para analisar as orações adverbiais conclusivas, esta pesquisa utilizou transcrições de sinalizações de quatro surdos de referência, sendo dois homens e duas mulheres. A seleção do *corpus* dos Surdos de Referência justifica-se pelo reconhecimento de sua fluência e pela posição de destaque como lideranças surdas que ocupam em instâncias regionais e nacionais, sendo referências linguísticas para os demais usuários da Libras.

A pesquisa demonstrou que a hipotaxe adverbial conclusiva se divide entre as modalidades sindética e assindética, diferenciadas essencialmente pela forma como as orações são conectadas. Nas construções sindéticas, a articulação é feita por conectivos manuais (itens lexicais), enquanto nas assindéticas a relação lógica de causalidade ocorre sem sinais manuais, dependendo da justaposição das cláusulas e de marcações não manuais. Nesse segundo caso, o sentido é inferido pelo contexto discursivo.

Alguns exemplos de sentenças complexas encontradas nos dados extraídos das entrevistas são apresentados a seguir. As cláusulas (01), (02), (03), (04) e (05) apresentam hipotaxe conclusiva sindética.

Sentença (1)

PARECER LÁ PRIMO [ENTÃO PENSAR UNIR]

Tradução: Parece que lá havia um primo meu, então pensei em manter contato com ele. (Vilhalva, 2017)

<https://drive.google.com/file/d/1Va37AvecUTon18EHZgRyL-XGpfRlgUQV/view>.

Sentença (2)

EXPLICAR-ME IX-ele MUITO SURDO MUITO TER ASSOCIAÇÃO [ENTÃO QUERER DEM-LÁ NATAL] PRECISAR

Tradução: Ele me explicou que havia muitos surdos e que havia uma associação (de surdos), por isso eu quis criar (uma associação de surdos) lá em Natal, porque precisa. (Souza, 2017)

https://drive.google.com/file/d/11bsQIR_O_pkEDRiv3W1WLZIXVJyqtQL_/view.

Sentença (3)

SOLETRAR DEM-AQUELE PORTUGUÊS ENTÃO SOLETRAR COMO NOME [ENTÃO TIRAR PODER-NÃO] ENTÃO

Tradução: A datilografia (na Libras) é sempre realizada em português, desta forma se soletra um nome (próprio), por isso, não é possível tirar (a língua portuguesa da vida das pessoas surdas). (Souza, 2017)

https://drive.google.com/file/d/12iG_V38YnFPoAQpBbo22ZA9I_W9a-k2/view.

Sentença (4)

MUITO IMPRIMIR LIVRO LER MUNDO PORTUGUÊS [ENTÃO EU PRECISAR APRENDER] VIVER DEM-AQUI MUNDO PRECISAR [ENTÃO IMPORTANTE SIM PORTUGUÊS] ENTÃO

Tradução: Muitos livros são impressos para serem lidos e assim todo o mundo usa o português, por isso eu preciso aprender (português) para viver aqui, nesse mundo, então a língua portuguesa é importante sim. (Albuquerque, 2017)

<https://drive.google.com/file/d/1Yrr7Fh6vkaexaPDKKD6kXTbNvW7gmm00I/view>.

Sentença (5)

MULHER VELHA IRMÃ 2 MULHER LÍNGUA-DE-SINAIS CONTA-TO [POR-ISSO FAMÍLIA LÍNGUA-DE-SINAIS]

Tradução: Minha segunda irmã mais velha tinha contato com a língua de sinais, por isso a minha família sinalizava em sinais. (Machado, 2017)

https://drive.google.com/file/d/1V4htaMW1SxeqWmOVA_HIoUCpMPVCNcW/view.

As sentenças de (01) a (05) são marcadas por um item lexical, que desempenha a função de conectivo da oração. Embora haja um conectivo entre as sentenças, a proposição entre as orações emerge do contexto discursivo. Desta forma, o conectivo não define a relação, haja vista que apenas evidencia esta relação entre as sentenças no contexto de sinalização.

Como se observa nos dados da pesquisa, ENTÃO é o sinal mais prototípico das cláusulas conclusivas, ao passo que o uso do sinal POR-ISSO, nestas orações, é mais raro. O exemplo (5) foi o único caso encontrado nos dados da pesquisa. Quando ocorre o emprego do conectivo, o sinal ENTÃO é mais evidente nos dados. Na sentença (04), observa-se a presença de duas orações conclusivas. Portanto, em todos os casos de hipotaxe adverbial conclusiva analisados nesta pesquisa, a relação conclusiva entre as orações é marcada por este sinal que evidencia a relação entre as sentenças.

Conforme pontuado por Marques e Pezatti (2015), em língua portuguesa, há uma ordem icônica das orações conclusivas, sendo que a conclusão é apresentada após a proposição inicial que possibilita a inferência conclusiva no contexto discursivo. Da mesma forma, a Libras também apresenta essa ordem icônica dos eventos, sendo primeiramente apresentada a proposição inicial e, em seguida, a relação conclusiva é construída no contexto da sinalização.

Nos exemplos de orações hipotáticas adverbiais conclusivas sin-déticas, os dados demonstram, em todos os exemplos, a presença de marcações não manuais que enfatizam os limites entre as sentenças. Especificamente, entre a oração nuclear e a hipotaxe adverbial conclusiva, observa-se, nos exemplos (01) a (05) que o piscar de olhos ocorre no limite das sentenças. Quadros *et al.* (2023), Ludwig, Quadros e Santos (2022), bem como Ludwig, Quadros e Silva (2022) relatam que o piscar de olhos ocorre no limite das orações hipotáticas. Desta forma, as marcações não manuais possuem funções gramaticais na hipotaxe conclusiva na Libras também.

Além do mecanismo linguístico de articulação da hipotaxe adverbial conclusiva, marcada pelo uso de um conectivo, a Libras também

emprega estratégias visuais e espaciais específicas das línguas de sinais. Neste caso, a justaposição de sentenças conclusivas é um mecanismo linguístico utilizado na hipotaxe adverbial conclusiva assindética, alinhada às marcações não manuais. Isso se observa nos exemplos (06) a (10) a seguir:

Sentença (6)

CONSEGUIR ESCOLA FORTALEZA [EU MUDAR FORTALEZA]

Tradução: (Minha mãe) conseguiu uma escola (para surdos) em Fortaleza, por isso eu mudei para Fortaleza. (Machado, 2017)

<https://drive.google.com/file/d/1BAkJNuzGLJX5ad6Qp-CwMPJ1EV24qjxB/view>.

Sentença (7)

DEPENDE IX-ELE OUVIR ENTENDER-NÃO VER ESPERAR LER
EU EXPLICAR LÍNGUA-DE-SINAIS [IX-ELE ENTENDER POSITIVO]

Tradução: Às vezes, se o ouvinte não entender (algo que eu escrevo), peço para esperar, vejo, leio e explico em língua de sinais; então, ele entende perfeitamente. (Vilhalva, 2017)

<https://drive.google.com/file/d/1ABbypO-lFeqRLCuI7sa98bcKgGGki10/view>.

Sentença (8)

PRIMEIRO-ANO EXPLICAR LÍNGUA-DE-SINAIS CERTO [EU PERCEBER PENSAR COGNITIVO] ENTÃO &-ver-ao-redor

Tradução: No primeiro ano, (o intérprete) explicava em língua de sinais corretamente, então eu percebi que eu (consequia) pensar e refletir (de forma clara). (Albuquerque, 2017)

<https://drive.google.com/file/d/1hA0TI50Nn1kM9hJGJNiKUYWBuUT0WvpZ/view>.

Sentença (09)

DEM-AQUELE SURDO ORALIZAR SINALIZAR EU ORALIZAR
SINALIZAR NADA DEM-AQUELE ENSINAR COMEÇAR SINALI-
ZAR [ABRIR-MENTE] [ATÉ HOJE AGRADECER DEM-AQUELE
DEM-AQUELE SURDO] ENTÃO

Tradução: Aquela (aluna) surda oralizava e sinalizava, mas eu só oralizava e não sinalizava nada; ela começou a me ensinar a sinalizar, então (eu consegui) entender claramente e, por isso agradeço a ela até hoje.

(Souza, 2017)

https://drive.google.com/file/d/1UDW6yvJ_axS_FEIfmGOwI9BHjKB9fPP/view.

Sentença (10)

ESCOLA PRÓPRIO SURDO TER-NÃO [LUTAR ESTUDAR] CO-
MUNICAR ENTÃO COMUNICAR-FALTAR QUALQUER APREN-
DER ENTÃO

Tradução: Não havia escola que era própria para surdos, por isso eu lutava e estudava, porque havia barreira de comunicação para aprender qualquer conteúdo. (Souza, 2017)

https://drive.google.com/file/d/1d6QXSfeXmvWQrC4GoNegAoYaQ1Rhy8R_/view.

Como se observa nas construções complexas de (06) a (10), o mecanismo linguístico utilizado para articular estas orações é a justaposição da proposição inicial e da hipotaxe adverbial conclusiva. Desta forma, a relação entre as cláusulas emerge do contexto discursivo da sinalização, dispensando o uso de itens lexicais com função de conectivos.

Em todos os exemplos desta pesquisa, é comum perceber-se o uso do sinal ENTÃO no final das unidades oracionais complexas. Contudo, o uso desses sinais é para fins discursivos, marcando a finalização do enunciado. Portanto, o emprego destes sinais não foi considerado um conectivo nas orações conclusivas, haja vista sua função discursiva na sinalização. Isso ocorre mesmo nas assindéticas, como é o caso das sentenças (08), (09) e (10).

Além disso, assim como nas orações hipotáticas adverbiais conclusivas sindéticas, nas cláusulas assindéticas nota-se também que há uma ordem icônica dos eventos. Ou seja, o sinalizante expressa, num primeiro momento, a proposição inicial para, em seguida, apresentar a relação conclusiva do enunciado.

Além disso, observa-se que, assim como a hipotaxe conclusiva sindética, as cláusulas assindéticas também apresentam marcações não manuais sobre as orações. Nas sentenças (06), (07) e (10), nota-se que o piscar de olhos ocorre entre os limites da oração matriz e da hipotaxe conclusiva. Já na cláusula (08) o piscar de olhos se sobrepõe ao sinal CERTO. Essa marcação não manual ressalta o final da oração matriz, haja vista que este sinal é o último da sentença. Na oração (09) não foi possível verificar o piscar de olhos, mas a mudança de direção de olhar ocorre de forma diferente entre as sentenças, o que pode ser um indício que marca os limites da sentença. Conforme já mencionado anteriormente, Quadros *et al.* (2023), Ludwig, Quadros e Santos (2022), e Ludwig, Quadros e Silva (2022) também apresentam em suas análises que o piscar é uma marcação não manual que marca o limite das sentenças hipotáticas na Libras.

Desta forma, a hipotaxe adverbial conclusiva possui características similares dos outros tipos de sentenças hipotáticas. Como se observou, há sentenças marcadas por um conectivo, caracterizadas como hipo-

taxe conclusiva sindética. Por outro lado, a hipotaxe conclusiva assindética não apresenta conectivo, mas utiliza a estratégia linguística da justaposição, cuja proposição entre as sentenças emerge do contexto de sinalização. Além disso, o piscar de olhos é verificado na maioria dos exemplos de hipotaxe conclusiva sindética e assindética. Portanto, a articulação da hipotaxe adverbial conclusiva na Libras utiliza estratégias linguísticas manuais e não manuais para articular as sentenças.

6. Considerações finais

Esta pesquisa sobre a hipotaxe adverbial conclusiva na Libras permitiu compreender como essa língua de modalidade visual-espacial articula as relações conclusivas em sentenças complexas. Ao longo deste estudo, ficou evidente que a dicotomia tradicional entre coordenação e subordinação é insuficiente para abarcar a complexidade da Libras. Desta forma, a terminologia tripartida – parataxe, hipotaxe e encaixamento – parece ser mais adequada para descrever as nuances sintáticas, semânticas e pragmáticas das orações complexas. Assim, o conceito de hipotaxe mostrou-se plausível para descrever a relação de dependência semântica e sintática observada nos dados dos Surdos de Referência.

A análise revelou que a Libras articula as cláusulas complexas em construções sindéticas e assindéticas. Enquanto as primeiras utilizam conectivos manuais, com destaque para o sinal prototípico ENTÃO, as segundas baseiam-se na justaposição, onde a relação lógica de causalidade emerge diretamente do contexto discursivo. Essa flexibilidade demonstra que a língua possui mecanismos próprios para explicitar a conclusão, independentemente da presença de itens lexicais específicos.

Um dos resultados mais relevantes desta pesquisa foi a presença dos marcadores não manuais como elementos de articulação sintática. O piscar de olhos marca os limites entre a oração matriz e a hipotaxe adverbial conclusiva na Libras. Essas marcações não manuais enfatizam a relação conclusiva expressada nas sentenças complexas.

Além disso, observou-se que a Libras segue uma ordem icônica na organização da hipotaxe adverbial conclusiva. As construções analisadas invariavelmente apresentam a proposição inicial antes da conclusão, respeitando o fluxo lógico dos eventos no discurso.

Em suma, este trabalho corrobora as pesquisas que já apontam que a articulação de sentenças na Libras integra estratégias manuais e

não manuais no contexto de sinalização. Portanto, a hipotaxe adverbial conclusiva também emprega estratégias manuais, como o uso de conectivos, bem como estratégias não manuais, como o piscar de olhos alinhado à justaposição das sentenças, cuja proposição entre as cláusulas complexas emerge do contextos discursivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Thiago Ramos de. Entrevista dos Surdos de Referência. In: QUADROS, R.M.; SCHMITT, D.; LOHN, J.; LEITE, T. e colaboradores. *Corpus de Libras*. <http://corpuslibras.ufsc.br/>, 2017, acesso em 01/10/2023.

ALEIXO, F.; CARNEIRO, B. G.; KHOURI, J. I. B. E.; LUDWIG, C. R.; MACHADO, R. N.; PAULUS, L.; QUADROS, R. M.; ROCHA, A.; RODRIGUES, A.; ROYER, M.; SANTOS, T. C.; SILVA, J. B. SILVA, V. R. Sintaxe da Libras – Articulação de Orações. In: QUADROS, R.M. et al. *Gramática da Libras*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

AZEREDO, M. O. et al. *Gramática prática do Português: da comunicação à expressão*. Lisboa: Lisboa, 2009.

BARBOSA, J.; CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C. R.; QUADROS, R. M. et al. Sentenças. In: BARBOSA, J.; QUADROS, R.M. (Orgs). *Gramática Virtual de Libras*. Florianópolis, 2020.

_____; _____. et al. Sentenças. In: BARBOSA, J.; QUADROS, R.M. (Orgs). *Gramática Virtual de Libras*. Florianópolis, 2020.

BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 8. ed. São Paulo: Nacional, 1984.

CARNEIRO, B. G.; LEÃO, R. J. B.; LUDWIG, C. R.; et al. Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins: Metodologia de Coleta e Transcrição de Dados. *Porto das Letras*, v. 05, n. 01, Jan.-jun., 2019.

CARNEIRO, B. G.; KHOURI, J. I. B. E.; LUDWIG, C. R.; ROCHA, B. S. P.; SANTOS, T. C.; Hipotaxe Adverbial de Finalidade na Libras. *Porto das Letras*, v. 9, p. 509-26, 2023.

CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C.R. Sentence Articulation in Brazilian Sign Language – Libras. *DESAFIOS – Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 7, n. 1, p. 64-77, 24 mar. 2020a.

_____; _____. Articulação de Orações em Libras: Um Breve Panorama. *Humanidades e Inovação*. v. 7. n. 10, 2020b.

CECCHETTO, C. Sentence Types. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs). *Sign language. An international handbook*. p. 292-315. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012.

_____; DONATI, C. GERACI, C. KELEPIR, M.; PFAU, R.; QUER, J.; STEINBACH, M. *SignGram Blueprint: A Guide to Sign Language Grammar Writing*. Berlin: De Gruyter, 2017.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DECAT, M. B. N. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. *Descrição do Português: abordagens funcionalistas* (Araraquara), Série Encontros, ano XVI, n. 1, 1999.

FIGUEIREDO, O. E.; FIGUEIREDO, E. B. *Itinerário gramatical: gramática do discurso e gramática da língua, ensino secundário*. Lisboa: Porto, 2009.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.

LEHMANN, C. On the Typology of Relative Clauses. In: *Linguistics*, N. 24, p. 663-80, 1988.

LIMA, Ana. Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal. 190f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

LUDWIG, C. R. Relative Clauses in Brazilian Sign Language: Non-Manual Markers as a Combining Strategy. *Humanidades & Inovação*, v. 10, p. 130-40, 2023.

_____. Sentenças Encaixadas Objetivas na Libras. *Porto das Letras*, v. 8, n. 4, p. 119-43, 2022. DOI: 10.20873-202284-06.

_____. Sentenças Encaixadas Relativas na Libras: as marcações não-manuais como estratégia de articulação. *Porto das Letras*, v. 6, n. 6, p. 205-22, 2021.

_____; CARNEIRO, B. G. ; KHOURI, J. I. B. E. ; SANTOS, T. C. . Parataxis, hypotaxis, and subordination in Brazilian Sign Language: a brief introduction. *Linguística* (Porto), v. 18, p. 32-64, 2023.

_____; _____. Articulação de Orações em Libras: Um Breve Panorama. *Humanidades & Inovação*, v. 7, p. 153-170, 2020.

LUDWIG, C. R.; LEAO, R. J. B. ; MIRANDA, R. ; CARNEIRO, B. G. ; MAIA, M. I. ; KHOURI, J. I. B. E. ; CRUZ, C. P. ; COURA, F. A. ; FERREIRA, R. A. ; ARAUJO, A. A. ; COSTA, G. S. S. ; BARBOSA, G. O. ; PIRES, C. W. F. ; FAGUNDES, L. . Inventário da Libras no Tocantins: Constituição e Coleta de Dados. *Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 7, p. 10-26, 2020.

LUDWIG, C. R.; QUADROS, R. M.; ROCHA, A. Sentenças encaixadas na Libras. *Fórum Linguístico*, v. 21, p. 10455-73, 2024.

_____; _____. Santos, T. C. Hipotaxe Adverbial Temporal na Libras. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 20, p. 81-104, 2022.

_____; _____. de; Santos, T. C. Hipotaxe Adverbial Temporal na Libras. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022.

_____; _____. SILVA, J. B.; NOGUEIRA, R. Inventário Nacional de Libras. *Fórum Linguístico*, v. 17, p. 5457-5474, 2020.

_____; _____. SILVA, V. R. As Marcações Não-Manuais na Hipotaxe Adverbial Causal da Libras. *Quintú Quimün*, v. 61, p. 1-23, 2022.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. *Entrevista dos Surdos de Referência*. In: QUADROS, Ronice Müller; SCHMITT, Dionísio; LOHN, Juliana; LEITE, Tarcísio e colaboradores. *Corpus de Libras*. <http://corpuslibras.ufsc.br/>, 2017, acesso em 01/10/2023.

MARQUES, N.B.N.; PEZATTI, E.G. *A relação conclusiva na língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência* [online]. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 118p. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em: 31 de janeiro de 2026.

MIRA MATEUS, M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1986.

PEZATTI, E. G. As construções conclusivas no português falado. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. v III

_____. O advérbio “então” já se gramaticalizou como conjunção? *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-95, 2001.

QUADROS, R. M.; RATHMANN, C.; SILVA, J. B. Exploring Ethical Discussion in Sign Language Research. *Sign Language Studies*, Volume 26, Number 1, Fall 2025, p. 169-211.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; LUDWIG, C. R.; CARNEIRO, B. G.; KHOURI, J. I. B.; PAULUS, L.; RODRIGUES, A.; SEGALA, R.; ALEIXO, F. Sentenças. In: Quadros, R.M. (Org.). *Gramática da Libras*. Editora Arara Azul. 2021. <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/>. acesso em: 19/06/2025.

RODRIGUES, A.; SOUZA, J. C. Gramaticalização do sinal “motivo” na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 53-82, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

SOUZA, Simone Patrícia Soares de. *Entrevista dos Surdos de Referência*. In: QUADROS, R.M.; SCHMITT, D.; LOHN, J.; LEITE, T. e colaboradores. *Corpus de Libras*. <http://corpuslibras.ufsc.br/>, 2017. Acesso em: 01/10/2023.

VILHALVA, Shirley. *Entrevista dos Surdos de Referência*. In: QUADROS, R.M.; SCHMITT, D.; LOHN, J.; LEITE, T. e colaboradores. *Corpus de Libras*. <http://corpuslibras.ufsc.br/>, 2017. Acesso em: 01/10/2023.